

## AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ACADÊMICOS DA ÁREA DA SAÚDE DE UMA FACULDADE EM SETE LAGOAS-MG

Patrícia da Conceição Pereira de Souza<sup>1</sup>

Renata França Cassimiro Belo<sup>2</sup>

### RESUMO

A automedicação se define como o uso indiscriminado de medicamentos sem orientações de profissionais. Os acadêmicos da área de saúde, devido ao conhecimento parcial adquirido na graduação, tendem a se automedicar por pensarem estar seguros mesmo sem diagnóstico, porém essa prática pode apresentar riscos devido a efeitos adversos, alergias, interações medicamentosas e casos de intoxicação. Diante do exposto, pesquisa buscou responder a seguinte questão norteadora: qual o perfil da prática da automedicação por graduandos da área da saúde de uma faculdade de Sete Lagoas – MG? E teve como objetivo principal avaliar a prática da automedicação dos acadêmicos da saúde. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, transversal de natureza descritiva, aplicada a 65 estudantes de graduação em saúde a partir de um questionário estruturado *online*. Todos os critérios de inclusão foram respeitados e os resultados foram analisados de forma descritiva. A classe de medicamentos mais utilizada foram os analgésicos e antipiréticos (37 %). A automedicação aconteceu por causa do conhecimento adquirido e a principal fonte de informação é a bula. Os participantes 74 % disseram que, diante dos quadros apresentados não havia necessidade de passar por consultas médicas. 94% dos participantes não apresentaram nenhum prejuízo notável decorrente da automedicação. Conclui-se que é essencial que os estudantes sejam expostos a informações apropriadas sobre automedicação, principalmente em relação ao uso racional de medicamentos isentos de prescrição. Como os estudantes raramente passam por consultas médicas, o farmacêutico pode desempenhar uma função importante na educação desses pacientes e na identificação de padrões de automedicação.

**Descritores:** Automedicação. Acadêmicos da saúde. Saúde pública.

### ABSTRACT

Self-medication is defined as the indiscriminate use of medications without professional guidance. Health academics, due to the partial knowledge acquired during graduation, tend to self-medicate because they think they are safe even without diagnosis, however this practice can present risks due to adverse effects, allergies, drug interactions and cases of intoxication. Given the above, research sought to answer the following guiding question: what is the profile of the practice of self-medication by undergraduate students in the health area of a college in Sete Lagoas - MG? And its main objective was to evaluate the practice of self-medication by health students. This is a quantitative, cross-sectional research of a descriptive nature, applied to 65 undergraduate health students from a structured online questionnaire. All inclusion criteria were respected and the results were analyzed descriptively. The most used class of drugs were analgesics and antipyretics (37%). Self-medication happened because of the knowledge acquired and the main source of information is the package leaflet. The 74% participants said that the pictures presented there was no need to go through consultations. 94% of the participants did not show any notable damage resulting from self-medication. We conclude that it is essential that students are exposed to appropriate information about self-medication, especially in relation to the rational use of non-prescription drugs. As students rarely go to medical appointments, the pharmacist can play an important role in educating these patients and in identifying patterns of self-medication.

**Descriptors:** Self-medication. Health academics. Public health.

---

<sup>1</sup>Graduanda em Farmácia pela Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas-MG; e-mail:patyamin@yahoo.com.br;

<sup>2</sup>Bacharel em Farmácia (UFMG), Mestre em Ciências de Alimentos (UFMG), Doutora em Ciências de Alimentos (UFMG); email: renatafcb1@gmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

A automedicação constitui-se do uso indiscriminado e sem orientação de medicamentos que visam tratar sintomas avaliados pelo próprio usuário como simples ou não, sem qualquer avaliação feita por um profissional da saúde devidamente habilitado e realizando a prescrição para a terapêutica do paciente. Os medicamentos têm papel fundamental na garantia da qualidade de vida da população e estão diretamente envolvidos no aumento da expectativa de vida (MATOS *et al*, 2018).

Para que haja a recuperação da saúde, há fatores a serem observados antes de fazer o uso de alguma medicação, como ocorrência de interações medicamentosas ou interações com alimentos, possíveis casos de alergias, correta indicação para o sintoma ou patologia a ser tratada, posologia e dose para remissão dos sintomas, dentre outros fatores que são avaliados pelos profissionais da saúde (GAMA; SECOLI, 2017; MATOS *et al*, 2018; TORO-RUBIO *et al*, 2017).

No Brasil, muitas pessoas não apresentam disponibilidade para procurarem atendimento médico por fatores como tempo, trabalho, estudos e renda, assim acabam se arriscando na automedicação por indicações de amigos, *internet* e televisão. Com isso, o Brasil está entre os países onde mais se pratica a automedicação e a intoxicação por medicamentos é a primeira intoxicação mais recorrente relatada no país (FANHANI; *et al*, 2019; SECOLI *et al*, 2018).

Desta forma, a realização do presente trabalho se justifica por avaliar a prática da automedicação no meio acadêmico, apesar dos números significativos de casos de intoxicações por medicamentos informados pelo Sistema Nacional de Informações Toxicofarmacológicas (SINITOX), no Município de Sete Lagoas-MG, há escassez de trabalhos acerca da relação do nível de conhecimento técnico-científico com a automedicação, e como os futuros profissionais da área da saúde lidam com esta prática. Há, portanto uma necessidade de se investigar a prevalência e os fatores de risco associados a automedicação entre os discentes da área da saúde, podendo direcionar instrumentos educacionais para aliviar a saúde pública dos riscos decorrentes desta prática. A prática da automedicação pode causar impactos danosos na vida da população e segundo a afirmativa de Domingues *et al*. (2017), o grau de conhecimento está diretamente relacionado com a prática da automedicação. Os

medicamentos são de grande valia e têm papel fundamental na sociedade moderna, podendo aumentar a expectativa de vida e dando melhores condições físicas para se viver.

Ainda que essa prática possa trazer benefícios, a automedicação vem chamando atenção de especialistas, segundo Pereira e colaboradores (2016) a prática está culminando em grande aumento das taxas de intoxicações, grandes complicações devido ao ocultamento de quadros maiores e grande incidência de efeitos adversos. Tal fenômeno é explicado pela dificuldade ao acesso médico, marketing farmacêutico, busca por alto rendimento e fácil resolutividade, uso abusivo e irracional (ALVIM; LIMA, 2019). Apesar do grande número de casos de intoxicações registrados pelo Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX), no município de Sete Lagoas- MG, há poucos trabalhos relatando essa relação do nível de conhecimento com a prática da automedicação e como esses futuros profissionais vivenciam essa realidade, logo, o presente trabalho apresenta relevância acadêmica, profissional e social.

Sendo assim, o presente projeto tem como questão norteadora, qual o perfil da prática da automedicação por graduandos da área da saúde de uma faculdade de Sete Lagoas – MG? Para responder esse questionamento tem-se como pressuposto que a ocorrência da prática da automedicação é alta, por serem pessoas que, na teoria, detêm certo conhecimento sobre medicamentos (DOMINGUES *et al*, 2017). Tendo em vista o presente questionamento, o objetivo geral da pesquisa consiste em analisar a prática da automedicação por acadêmicos da saúde de uma faculdade do interior de Minas Gerais. Têm-se como objetivos específicos, verificar qual a classe de medicamentos mais utilizada para a automedicação, apontar quais fatores influenciam a escolha pela prática da automedicação e verificar se o conhecimento adquirido traz sensação de segurança para realizar a prática da automedicação.

A metodologia do trabalho se constitui de uma pesquisa quantitativa, transversal e de natureza descritiva, os dados foram obtidos por meio de uma pesquisa de campo sobre o perfil da automedicação entre os alunos da área da saúde de uma faculdade localizada no município de Sete Lagoas – MG. Como critério de inclusão, os participantes deviam ser obrigatoriamente de cursos da área da saúde humana, cursando a partir do primeiro período, fazer a prática da automedicação ou não, aceitar participar da pesquisa que se constituiu de um questionário com 12 perguntas (Apêndice A). Os questionários foram avaliados respeitando os critérios de inclusão e exclusão e foram organizados em gráficos e tabelas feitas pelo programa *Microsoft Excel* versão 2010. Os dados foram obtidos através de um

questionário online. Os resultados foram analisados de forma descritiva, utilizando-a das variáveis de frequência relativa e frequência absoluta (DANTE, 2000; LORENZINI, 2017).

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 AUTOMEDICAÇÃO**

A automedicação está baseada no ato do paciente fazer o uso de medicamentos por conta própria. Na maioria das vezes, esse ato se dá para o alívio imediato de algum sintoma apresentado, porém, essa ação pode trazer agravo de quadros e consequências prejudiciais à saúde do paciente (SOUZA LIMA, 2019). A prática da automedicação não é distinta a um grupo, sendo assim, todas as classes sociais a realizam e, desta forma, se pode considerar a prática como um problema social e cultural no Brasil (LIMA *et al*, 2017).

As motivações para a realização da automedicação são diversas, a crença de ter conhecimento sobre certos medicamentos é um grande problema, uma vez que, muitas vezes, esse conhecimento é baseado em uma experiência pessoal e a prática de indicação para conhecidos se torna comum se o problema apresentado foi sanado. Isso se justifica, pois, a desigualdade de renda e problemas com a saúde pública no Brasil são evidentes, sendo assim, os pacientes apresentam indisponibilidade de tempo e renda para ir até um profissional da saúde para tratar sintomatologias e até mesmo doenças vistas como simples (SOUZA; LIMA, 2019).

A prática da automedicação, apesar de parecer simples na visão da população em geral, é uma prática perigosa e coloca o Brasil entre os países onde mais se realiza essa prática e também contribui diretamente para que a intoxicação por medicamentos seja a principal causa de intoxicações no território nacional nos últimos anos, segundo dados do Centro de Informação e Assistência Toxicológica (CIATOX) da Unicamp. (SANTOS *et al*, 2018; FERREIRA; SOUZA; PAIM, 2019).

### **2.2 INTOXICAÇÃO POR MEDICAMENTOS**

A procura por cura de doenças, alívio de sintomas e resolução de problemas fez parte da humanidade ao longo de toda existência. Até meados do século XX, os medicamentos provinham de origem natural, manipulados por farmacêuticos que, na época, eram denominados boticários. Posteriormente, com o advento da tecnologia e com a descoberta do antibiótico penicilina por Alexander Fleming, em 1928, a produção de medicamentos por boticários começou a ser gradativamente substituída pelo processo de industrialização (COSTA; ALONZO, 2016).

Costa e Alonzo (2016) afirmaram que, com o domínio das indústrias farmacêuticas e a produção de medicamentos em larga escala, começaram a surgir os primeiros casos de intoxicação pelos medicamentos sintéticos. Passaram-se os anos e com o aumento de casos de intoxicação, demanda social por informação, desconhecimento dos profissionais acerca dos mecanismos de intoxicação das substâncias químicas e medicamentos, começaram a ser criados Centros de Controle de Intoxicação (CCI), para a criação de programas de controles de casos de intoxicação, prevenção, terapêutica e o controle epidemiológico (MENDES; PEREIRA, 2017; GRETZLER *et al*, 2018).

As intoxicações por medicamentos são classificadas em dois pilares: as intoxicações agudas e as crônicas. As intoxicações agudas geralmente se dão a partir de um único contato com o fármaco, sendo essa uma grande causa de intoxicação provocada pela automedicação pois, sem a devida orientação, acontecem erros de posologia, administração e abuso (MENDES; PEREIRA, 2017; GONÇALVES *et al.*, 2017).

Já as intoxicações crônicas se dão por uma exposição prolongada a um ou mais agentes tóxicos, esse processo também se relaciona com a automedicação, uma vez que ao tomar medicamentos sem a orientação de um profissional habilitado, poderá haver interações medicamentosas, podendo culminar em um acúmulo de alguma substância no organismo do paciente, desencadeando intoxicações (GONÇALVES *et al*, 2017; GRETZLER *et al*, 2018). Os medicamentos isentos de prescrições são tidos como seguros pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), porém, seu consumo sem uma análise de possíveis interações bem como individualidades e sem as devidas orientações podem causar intoxicações leves até casos preocupantes (BARBOSA *et al*, 2018; MACEDO *et al*, 2018).

### 2.3 MEDICAMENTOS ISENTOS DE PRESCRIÇÃO (MIP)

A resolução RDC n° 138, de 29 de maio de 2003, dispõe sobre os medicamentos isentos de prescrição além de disponibilizar uma lista com os medicamentos que são permitidos a venda em drogarias sem a necessidade de prescrição médica, afim de se tratar doenças simples e sintomatologias básicas para que não haja sobrecarga do sistema público de saúde (FREITAS, *et al.*, 2017). Os MIP's não existem por acaso, a resolução diz que em razão da eficácia e confiabilidade, esses medicamentos podem ser comercializados com a ausência da prescrição (FREITAS *et al.*, 2017; MACEDO *et al.*, 2018.).

Segundo dados coletados por Rodrigues (2017), a Organização Mundial da saúde (OMS) diz que são precisos 420 medicamentos para tratar as doenças existentes, entretanto, no Brasil são comercializadas mais de 32 mil formulações. A publicidade investida pelas indústrias farmacêuticas propagadas pelas mídias de TV, rádio e mídias sociais vão ao encontro do público que, na grande maioria, são leigos e junto com a cultura brasileira de medicalização, os números dos índices de automedicação se elevam (RODRIGUES, 2017; BARBOSA *et al.*, 2018).

Grande parte dos casos de automedicação estão relacionados aos medicamentos isentos de prescrição, principalmente os medicamentos voltados para a dor, os quais são disponibilizados em grande número e variedade de marcas em qualquer drogaria privada, seu baixo custo faz com que ocorra acúmulos e estoques em residências e domicílio, tornando assim os analgésicos e os anti-inflamatórios os principais agentes de automedicação (OLIVEIRA *et al.*, 2018; SILVA; RANGEL; CASTILHO, 2018). Entre os medicamentos mais utilizados independente das classes terapêuticas estão os fármacos, dipirona, paracetamol, ibuprofeno, ácido acetil salicílico (FREITAS *et al.*, 2017; JUNIOR; REIS; 2017).

O estudo realizado por Tognoli *et al.* (2019) reflete o relatado por Freitas *et al.* (2017) e os achados por Junior e Reis (2017), nos quais, os medicamentos anti-inflamatórios e analgésicos são os mais consumidos na prática da automedicação e as principais razões são a cefaleia, mialgia, resfriado comum, febre e epigastralgia. Entre os estudantes universitários, a automedicação se faz presente da mesma forma dos achados de Tognoli *et al.* (2019), porém nesta lista se incluem os antitussígenos, antiácidos e antialérgicos conforme relatam os autores Oliveira, Santos e Lisboa (2019).

## 2.4 INTERAÇÕES MEDICAMENTOSAS

Um dos maiores problemas relacionados à automedicação é a interação medicamentosa, uma vez que os medicamentos isentos de prescrição são considerados seguros pela ANVISA, porém, o uso concomitante com outros fármacos pode resultar em interações perigosas para o paciente podendo potencializar ou diminuir os efeitos do outro por transformações ocorridas no organismo ou por ações antagonistas. (NEVES; SILVA; JÚNIOR, 2018).

Em uma análise da dispensação de Dorflex® em drogarias no Campo Grande, MS, os autores DIAS *et al*, 2012 encontraram 50% de interações de caráter moderada envolvendo o Dorflex®, um dos MIP's mais vendidos e bem difundidos em território nacional. No Brasil há poucos estudos com propostas de intervenção a respeito da automedicação, sendo a informação dos riscos desta prática atualmente a principal medida educativa. No meio acadêmico, o conhecimento adquirido e o compartilhamento de experiências se tornam um fator que desencadeiam automedicação entre os alunos, tornando esta prática comum (COELHO *et al.*, 2017; FREITAS; MARQUES; DUARTE, 2018).

## 2.5 AUTOMEDICAÇÃO POR ACADÊMICOS DE SAÚDE

Os estudantes, em grande maioria, apresentam uma rotina corrida entre trabalho e estudos, com isso, a dificuldade de acesso ao serviço público e o valor cobrado nas consultas médicas particulares afastam o estudante de buscar atendimento favorecendo assim a prática da automedicação (CRUZ; SILVA; COELHO, 2019). Os estudantes universitários aprendem na academia promover saúde, prestarem assistência e devidas orientações aos pacientes e esse domínio de informação faz com que se sintam mais seguros e confiantes para se automedicarem ocorrendo por vezes erros mesmo detendo informações (DOMINGUES *et al*, 2017).

É necessário que se criem abordagens e meios de incentivar o uso seguro e racional de medicamentos, porém os profissionais envolvidos precisam se mostrar como exemplo mesmo

dominando a arte de medicar (QUINTINO *et al.*, 2016). O profissional farmacêutico se encontra como o último elo da ligação de promotor de saúde antes do paciente fazer o uso da medicação, por isso seu papel se faz fundamental e indispensável para garantir o uso correto, racional e consciente, evitando interações medicamentosas, melhorando qualidade de vida, evitando internações e promovendo saúde (FERREIRA; TERRA JÚNIOR, 2018).

O conhecimento adquirido durante a formação e com a experiência prática de dispensação de medicamentos sejam eles isentos ou não de prescrição conferem ao farmacêutico o poder de intervir e orientar o paciente e combatendo a automedicação e os problemas relacionados aos medicamentos. A atenção farmacêutica positivamente segue em expansão no Brasil e esta prática contribui diretamente com habilidades, condutas, responsabilidades na promoção de saúde e garantia de saúde diretamente com o paciente (SOTÉRIO; SANTOS, 2016).

Para Marques *et al.* (2017), o farmacêutico pode ser a porta de entrada da atenção primária de saúde pelo fato do profissional farmacêutico ser a classe de profissionais de saúde mais acessíveis no país. Este profissional pode garantir amenização dos riscos de consumo de medicamentos, evitar consequências posteriores como interações medicamentosas danosas, intoxicações, conscientização e ensino sobre o uso racional de medicamentos, avaliar o andamento da terapêutica medicamentosa, contribuir como uma equipe multidisciplinar de cuidado e estimular o paciente a procurar outros profissionais de saúde quando necessário, evitando a prática da automedicação principalmente com os medicamentos isentos de prescrição.

### **3 METODOLOGIA**

Este estudo trata-se de uma pesquisa quantitativa, transversal e de natureza descritiva. Os dados foram obtidos por meio de uma pesquisa de campo sobre a perfil da prática da automedicação em alunos da área da saúde de uma faculdade localizada no município de Sete Lagoas – MG. Para a definição do tamanho da amostra, foi utilizado o software *Physiotherapy Evidence Database* (PEDro) considera-se que a faculdade tenha 800 alunos e com isso o intervalo de confiança obtido foi de 95%, com uma amostra de 65 participantes (LORENZINI, 2017).



Como critério de inclusão, os participantes foram obrigatoriamente de cursos da área da saúde humana, cursando a partir do primeiro período, fazendo a prática da automedicação ou não, e teriam que aceitar participar da pesquisa, a qual constituiu-se de um questionário com 12 perguntas (Apêndice A) elaborado por Lopes e Mata (2017) com adaptação para o presente estudo. Todos os participantes deveriam estar cientes do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B). Foram adotados como critérios de exclusão o preenchimento incompleto do questionário, o preenchimento do questionário após a data limite e fatores que não possibilitaram a interpretação dos dados, como frases incompreendidas.

Os dados foram coletados em maio de 2020, durante as atividades acadêmicas. Participaram 65 alunos de cursos da área da saúde. A coleta de dados se deu através de um questionário disponível *online* no *Google Forms*. Sendo disponível Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os alunos que participassem da pesquisa. Os questionários foram avaliados respeitando os critérios de inclusão e exclusão e foram organizados em gráficos e tabelas feitas pelo programa *Microsoft Excel* versão 2010. Os resultados foram analisados de forma descritiva, utilizando-a das variáveis de frequência relativa e frequência absoluta (DANTE, 2000; LORENZINI, 2017).

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na presente pesquisa, 83 % dos participantes foram do sexo feminino e apenas 17 % do sexo masculino. Em relação à faixa etária, a maioria dos participantes (65 %) apresentam idade entre 18 a 25 anos (Tabela 1).

**TABELA 1.** Caracterização da amostra

<b>Características</b>	<b>Frequência absoluta (N)</b>	<b>Frequência relativa (%)</b>
<b>SEXO</b>		
Feminino	54	83,00
Masculino	11	17,00
<b>FAIXA ETÁRIA</b>		
18 - 25 anos	42	65,00
26 - 31 anos	11	17,00
32 anos ou mais	12	18,00

Fonte: Dados obtidos pela autora 2020.

Quando os participantes foram questionados sobre a utilização dos medicamentos no último ano, 57 % dos participantes afirmam que os medicamentos utilizados foram prescritos ou indicados por profissionais da saúde e quanto aos profissionais, em primeiro lugar, 62 % das prescrições foram feitas por médicos e em seguida as indicações do profissional farmacêutico com 32 %. Quando questionados sobre a prática da automedicação, 61 % dos entrevistados afirmaram que sim, realizam, mas raramente (Tabela 2). Todos os participantes concordaram que a prática da automedicação oferece risco real a saúde.

**TABELA 2.** Perfil de indicações e prevalência da automedicação.

<b>Características</b>	<b>Frequência absoluta (N)</b>	<b>Frequência relativa (%)</b>
<b>No último ano, os medicamentos usados foram prescritos ou indicados por profissionais da saúde?</b>		
Sim, os medicamentos foram prescritos ou indicados.	37	57%
Não, me automediquei.	28	43%
<b>Se sim, qual profissional da saúde fez a prescrição/ indicação?</b>		
Médico	23	62%
Farmacêutico	12	32%
Enfermeiro	1	3%
Dentista	1	3%
<b>Costuma realizar a prática da automedicação?</b>		
Sim, raramente	40	61%
Sim, frequentemente	23	35%
Não	2	4%

Fonte: Dados obtidos pela autora 2020.

Em relação aos medicamentos utilizados, em primeiro lugar fica a classe dos analgésicos e antipiréticos com 37 %, em seguida temos os anti-inflamatórios com 21,31% e

os relaxantes musculares e antibióticos com 8,19 % das automedicações, (Tabela 3) esse resultado é comum na literatura e corroborado com os estudos de Tomasini, Ferraes e Santos (2015) que buscou avaliar a prevalência da automedicação entre acadêmicos do Norte do Paraná, nesse estudo os analgésicos, anti-inflamatórios e antibióticos foram os líderes de consumo na prática da automedicação.

O perigo do uso dos analgésicos e anti-inflamatórios estão nos agravamentos de quadros clínicos, pois podem mascarar complicações mais graves uma vez que esses medicamentos tiram a dor e podem dar uma falsa sensação de problema resolvido. E também o uso de forma continuada pode acarretar problemas hepáticos devido a absorção dos medicamentos (CARVALHO; SILVEIRA, 2017). Outro fator relevante é que grande parte dos analgésicos utilizados pertencem a classe dos MIP's, com isso não há restrições de venda e fica a critério do paciente a aquisição, mesmo sem nenhuma indicação ou orientação profissional. Em relação aos antibióticos, os riscos são maiores, visto que o uso indiscriminado pode enfraquecer a flora bacteriana e deixar o indivíduo mais exposto a doenças, além de causar a seleção natural das bactérias resultando na resistência bacteriana. Com isso, os indivíduos terão uma gama menor de antibióticos disponíveis para futuras infecções e a transmissão de bactérias mais resistentes a outros indivíduos (MORAES; ARAÚJO; BRAGA, 2016).

**TABELA 3.** Classe de medicamentos mais consumidas na prática da automedicação.

<b>Características</b>	<b>Frequência absoluta (N)</b>	<b>Frequência relativa (%)</b>
Analgésicos/Antipiréticos	45	37,00%
Anti-inflamatórios	26	21,31%
Antibióticos	10	8,19%
Relaxante muscular	10	8,19%
Antialérgicos	9	7,37%
Antigripais	5	4,09%
Anti-hipertensivos	4	3,27%
Antidepressivos	3	2,45%
Psicoestimulantes	2	1,63%

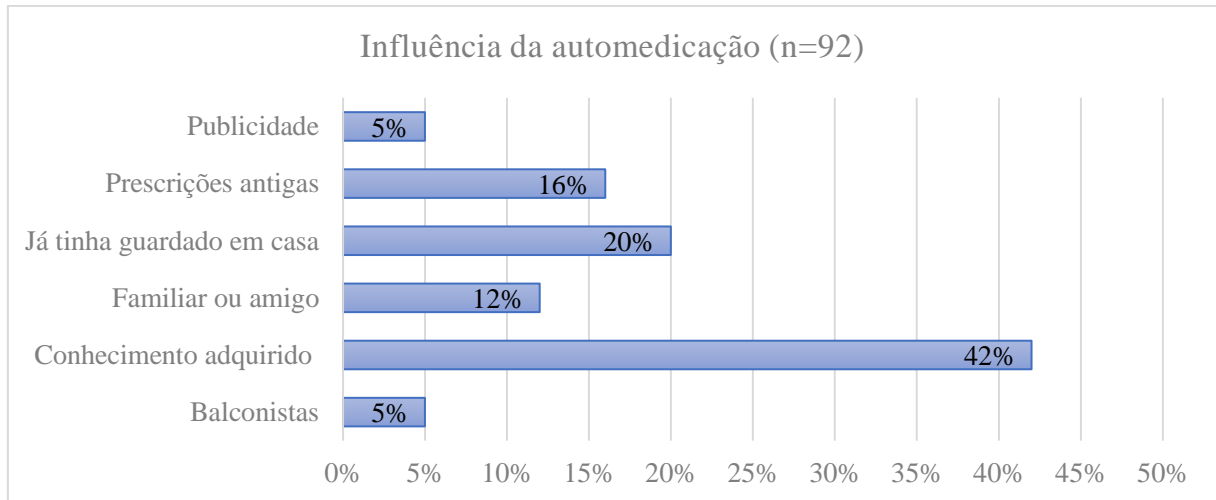
Antiácidos	2	1,63%
Antiemético	2	1,63%
Antifúngicos	1	0,81%
Anticoncepcional	1	0,81%
Antiacne	1	0,81%
Fitoterápico	1	0,81%
<b>TOTAL</b>	<b>122</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dados obtidos pela autora, 2020.

A maioria dos entrevistados (52 %), disseram que já realizaram a automedicação com dois ou mais medicamentos ao mesmo tempo. Desses que se automedicaram com dois ou mais medicamentos ao mesmo tempo, 79 % afirmaram que não verificaram se existia incompatibilidades entre os medicamentos administrados. A partir desse fato, podemos observar um grande risco, pois como não foi observado a possibilidade de interações medicamentosas, os medicamentos poderiam causar episódios de intoxicações, inefetividade ou potencialização. Episódios estes que poderiam ser danosos a saúde do usuário (BONFANTE *et al*, 2018).

Grande parte dos acadêmicos participantes (42 %), disseram que praticam a automedicação baseado em seus conhecimentos acadêmicos adquiridos ao longo do curso (Gráfico 1), dado esse que corresponde ao dado obtido por Galato, Madalena e Pereira (2012) que buscou avaliar a influência da automedicação de acordo com a área de formação numa universidade em Santa Catarina e em sua pesquisa eles obtiveram que 44% dos participantes se automedicam baseados no conhecimento próprio. Na segunda posição ficou os medicamentos que a pessoa tinha guardado em casa (20 %).

**Gráfico 1.** Influência da automedicação dos acadêmicos da saúde.



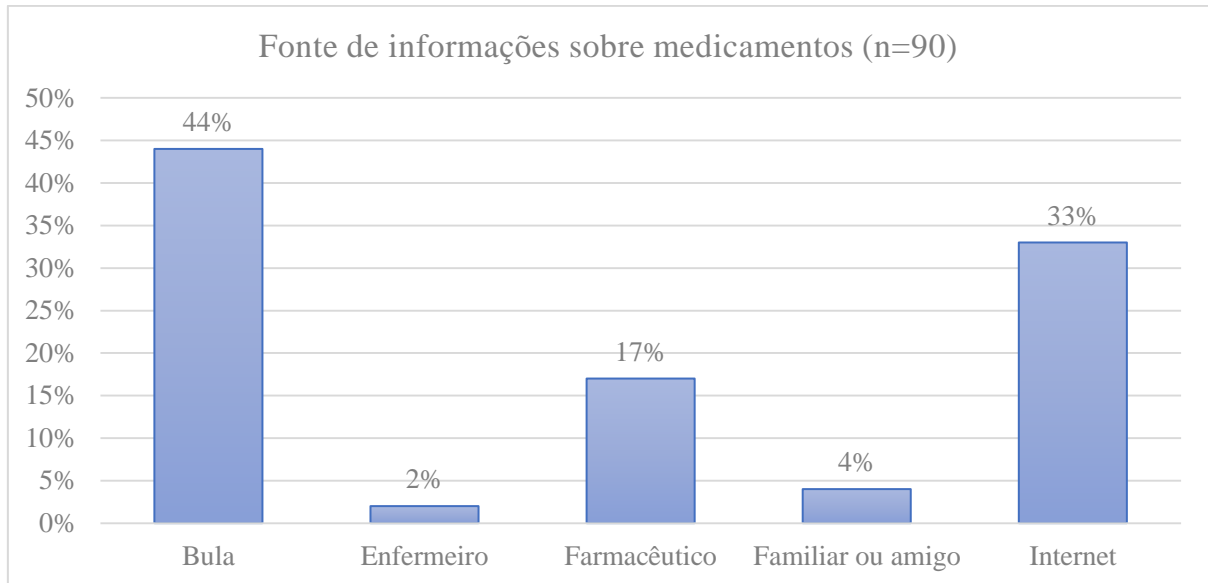
Fonte: Dados obtidos pela autora, 2020.

Dos acadêmicos, 85 % disseram que procuram informações sobre os medicamentos que irão administrar afim de se informar de riscos, benefícios, indicações e efeitos adversos. Sobre as fontes de consulta sobre os medicamentos, (Gráfico 2) 44 % disse que busca as informações nas próprias bulas dos medicamentos, 33 % consulta informações na internet e 17 % apenas buscam informações com farmacêuticos. Esses dados são iguais aos dados encontrados por Debortoli (2018) em sua pesquisa, que também evidenciou a bula como primeira busca de informações, seguido pela internet e em terceiro o farmacêutico.

Segundo a análise das bulas de medicamentos no Brasil, feito por Cunha, Nascimento e Guedes (2018) as bulas dos medicamentos no Brasil ainda apresentam defasagem de informações, informações pouco claras e linguagem técnica que dificulta o entendimento de uma pessoa leiga. A portaria 47/2009, que discorre sobre a homogeneização das bulas de medicamentos existe há 10 anos e o estudo conclui dizendo que ainda hoje, existe centenas de bulários defasados.

Posteriormente os acadêmicos foram perguntados sobre o entendimento das informações e 97 % disse que compreendeu as informações com clareza e 75 % dos participantes informaram que seguiram rigorosamente as informações obtidas.

**Gráfico 2.** Fonte de busca de informações sobre medicamentos.



Fonte: Dados obtidos pela autora, 2020.

Em relação aos problemas de saúde decorridos da automedicação, 61 participantes (94 %), informaram que nunca tiveram nenhum prejuízo notável decorrente da automedicação e 53 dos envolvidos na pesquisa (81 %) confirmaram que se sentem mais confortáveis e confiantes para tomar algum medicamento após iniciarem os estudos na área da saúde. Quase a totalidades dos acadêmicos (97 %) concordaram que não se deve automedicar-se devido aos riscos e danos decorrentes dessa prática.

Apesar de confortáveis após adquirirem conhecimento na área da saúde e por vezes terem uma facilidade maior no acesso aos medicamentos, fica evidenciado que devem ser criadas ações educativas com esse público, visto que serão profissionais que buscarão combater esse problema ou essa prática pessoal poderá afetar orientações futuras aos pacientes. Esta informação levanta uma questão que a automedicação pode não estar tendo destaque nas disciplinas de farmacologia bem como apresentando a necessidade de encerrar essa cultura (ALESSANDRINI; PAIM; LUNELI, 2020).

**TABELA 4.** Motivos mais recorrentes para a automedicação.

<b>Características</b>	<b>Frequência absoluta (N)</b>	<b>Frequência relativa (%)</b>
Dificuldade de acesso ao médico	15	23%
Insatisfação ao médico	03	5%
Não julgar necessário passar por consulta	47	72%

---

Fonte: Dados obtidos pela autora, 2020.

Dos motivos que levaram a prática da automedicação, (Tabela 4) 72 % afirmaram que devido a condição apresentada, não era necessária passar por uma consulta com um profissional e poderia resolver sozinho. Esse resultado pode ser corroborado com a pesquisa de Pereira e colaboradores (2018), que relataram que a maior parte das pessoas que realizam a automedicação, acredita que por ser um sinal ou sintoma simples, não há necessidade de procurar atendimento médico. Por fim, 97 % dos acadêmicos consideraram que obtiveram resultados positivos e satisfatórios com a automedicação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo principal analisar a prática da automedicação dos acadêmicos da saúde e diante o exposto podemos observar que a prática da automedicação é comum e mesmo sabendo dos riscos preferem arriscar considerando que não há necessidade de passar por consultas médicas. O pressuposto da pesquisa foi atingido, o trabalho mostrou que a confiança para realizar a prática da automedicação aumentou quando os acadêmicos adentraram os cursos da área da saúde e cursaram algumas disciplinas sobre medicamentos.

Quando se refere aos medicamentos utilizados para a prática da automedicação, podemos notar alguns medicamentos controlados e devemos nos atentar ainda mais, pois pode acarretar agravamento de quadros e em alguns casos dependência pela medicação, além de configurar crime a aquisição de medicamentos controlados sem receita médica. Os medicamentos guardados em casa também apresentam como um fator de preocupação visto que a pessoa precisa observar o correto acondicionamento e validade. As bulas e a *internet* dominaram na busca por informações, as orientações farmacêuticas ficaram em terceiro plano.

O estudo procurou contribuir com o perfil das automedicações entre os acadêmicos visto que essas pessoas em pouco tempo estarão orientando pacientes e é preciso abordar com veemência essa prática, pois pode ser danosa. A presente pesquisa se limita à análise da prática da automedicação por acadêmicos da área da saúde pertencentes a uma faculdade no interior de MG, no período de observação entre abril e maio de 2020. Como sugestões para

futuras pesquisas, considera-se relevante buscar casos de incidência de hospitalizações e complicações motivadas pela automedicação, bem como avaliar o conhecimento dos riscos dessa prática.

## REFERÊNCIAS

ALESSANDRINI, Lilian de Moraes; PAIM, Roberta Soldatelli Pagno; LUNELLI, Rosana Pinheiro. **Automedicação em acadêmicos de enfermagem: prevalência e fatores associados**. C&D-Revista Eletrônica da FAINOR, Vitória da Conquista, v.13, n.1, p. 185-204, jan./abr. 2020.

ALVIM, Haline Gerica de Oliveira; LIMA, Mizael Maciel. **Riscos da automedicação**. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 2, n. 4, p. 2012-2019, 25 jun. 2019.

BARBOSA *et al.* **A comercialização de medicamentos em estabelecimentos não farmacêuticos no município de cruzeiro**. Sp. Rev. Ciênc Saúde. 2018;3(1):32-40.

BONFANTE, H. L. *et al.* **Perfil epidemiológico das intoxicações exógenas na cidade de Juiz de Fora - MG**. hu rev [Internet]. 24º de julho de 2018 [citado 8º de junho de 2020];43(2):149 -154.

CARVALHO, Amanda Laís Nunes Miranda; SILVEIRA, Nathália Júlio. **Automedicação em Itumbiara-GO análise química e qualitativa dos riscos e benefícios**. Itumbiara – GO. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. 2017.

COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas *et al.* **Relação entre a autopercepção do estado de saúde e a automedicação entre estudantes universitários**. Revista diversidade, psicologia e saúde. v. 6, n. 1, 2017.

COSTA, Aline de Oliveira; ALONZO, Herling Gregório Aguiar. **Casos de exposições e Intoxicações por medicamentos registrados em um Centro de Controle de intoxicações do interior do Estado de São Paulo**. Rev. Bras. Pesq. Saúde, Vitória, 17(2): 52-60, abr-jun, 2016.

CRUZ, Eliana de Souza; SILVA, Ingrid Iara; COELHO, Adonis. **Incidência da automedicação entre jovens universitários da área da saúde e de humanas**. Revista saúde UniToledo, v. 3, n. 1, 2019.

CUNHA, Alexandre Martins; NASCIMENTO, Gabriel; GUEDES, Gustavo Paiva. **Uma análise sobre as bulas de medicamentos no Brasil**. CEFET/RJ - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. RJ. 2018.

DIAS, D. C *et al.* **Análise da dispensação de Dorflex® em drogarias da cidade de Campo Grande-MS: estudo das interações medicamentosas e o impacto na automedicação**. Rev. Pesq. Inov. Farm., v. 4, n. 1, p. 08-17, 2012.



DANTE, Luiz Roberto: **Matemática: Contexto & Aplicações**. São Paulo. Editora Ática, 2000.

DERBORTOLI, Camila Batista. **Bula como fonte de informações para usuários de medicamentos**. Univates. Dez. 2018.

DOMINGUES, Maria Paula Santos *et al.* **Automedicação entre os acadêmicos da área de saúde**. Visão Acadêmica, Curitiba, v.18, n.2, abr.-jun./2017.

FANHANI, Hellen Regina *et al.* **Consumo de medicamentos por idosos atendidos em um centro de convivência no noroeste do Paraná, Brasil**. Rev. bras. geriatr. gerontol., Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 301-314, 2019.

FERREIRA, Fábio Gil; SOUZA, Janaina Samantha Martins; PAIM, Roberta Soldatelli Pagno. **Prevalência da Automedicação em Acadêmicos de Enfermagem em uma Faculdade de Caxias do Sul**. Revista Contexto & Saúde. vol. 19, n. 36, jan.-jun. 2019.

FERREIRA, Rogério Lobo.; TERRA JÚNIOR, André Tomaz. **Estudo sobre a automedicação, o uso irracional de medicamentos e o papel do farmacêutico na sua prevenção**. Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, v. 9, n. edesp, p. 570-576, jun. 2018.

FREITAS, Jhonattas Alexandre Barbosa *et al.* **Medicamentos isentos de prescrição: perfil de consumo e os riscos tóxicos do paracetamol**. Revinter, v. 10, n. 03, p. 134-154, out. 2017.

FREITAS, Valéria Pires; MARQUES, Matheus Santos; DUARTE, Stênio Fernandes Pimentel. **Automedicação em universitários do curso de graduação da área de saúde em uma instituição de ensino superior privada em vitória da conquista**. Revista multidisciplinar e psicologia. V. 12, n. 39, 2018.

GALATO, Dayani; MADALENA, Jaqueline; PEREIRA, Greicy Borges. **Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação**. Rev. Ciência & Saúde Coletiva, dez. 2012.

GAMA, Abel Santiago Muri; SECOLI, Silvia Regina. **Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil**. Rev. Gaúcha Enferm., Porto Alegre, v. 38, n. 1, e 65111, 2017.

GONÇALVES *et al.* **Intoxicação medicamentosa: relacionada ao uso indiscriminado de medicamentos**. Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, v. 8, n.1, 135-143, jan.-jun., 2017.

GRETZLER *et al.* **Atuação do farmacêutico no urm e na prevenção de intoxicação medicamentosa**. Rev Cient FAEMA: Revista da Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA, Ariquemes, v. 9, n. ed esp, p. 547-550, maio-jun, 2018.

JÚNIOR, Nelson Machado do Carmo; REIS, Adriano Max Moreira. **Análise dos medicamentos relaxantes musculares de ação central comercializados no Brasil na perspectiva do Cuidado ao Idoso**. Revista de saúde pública do paraná. Londrina, V. 18, N. 1, P. 108-116, jul. 2017.

LIMA, Daniely Mara *et al.* **Avaliação da prática da automedicação em acadêmicos do curso de farmácia em uma instituição privada de ensino superior em Fortaleza-CE**. Revista Expressão Católica Saúde; v. 2, n. 1; jan.-jun; 2017.

- LOPES, Alzira das Mercês MATA, Liliane Cunha Campos. **Automedicação entre graduandos das áreas de saúde e exatas da faculdade ciências da vida na cidade de Sete Lagoas/MG.** Revista Brasileira de Ciências da Vida, v. 5 n. 1 (2017).
- LORENZINI, Elisiane. **Pesquisa de métodos mistos nas ciências da saúde.** Rev Cuid. 2017; 8(2): 1549-60.
- MACEDO *et al.* **O poder do marketing no consumo excessivo de medicamentos no Brasil.** Revista Transformar. 2018.
- MARQUES, Ana Emília Formiga *et al.* **Assistência farmacêutica: uma reflexão sobre o papel do farmacêutico na saúde do paciente idoso no Brasil.** Revista temas em saúde, João Pessoa, PB, v. 17, n. 3, 2017.
- MATOS, Januária Fonseca *et al.* **Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante.** Cad. saúde colet., Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 76-83, Mar. 2018.
- MENDES, Lucas Alves; PEREIRA, Boscolli Barbosa. **Intoxicações por medicamentos no Brasil registradas pelo SINITOX entre 2007 e 2011.** J. Health Biol Sci; v. 5, n. 2, p. 165-170; abr. 2017.
- MORAES, Amanda Ludoger; ARAÚJO, Nayara Gabriele Picanço; BRAGA, Tatiana de Lima. **Automedicação: Revisando a literatura sobre a resistência bacteriana aos antibióticos.** Revista Eletrônica Estácio Saúde -Volume 5, Número 1, 2016.
- OLIVEIRA, Aline Borges; SANTOS, Jéssica Alves; LISBOA, Helen Cristina Fávero. **Avaliação do conhecimento e conduta dos acadêmicos da área da saúde sobre o uso de medicamentos.** Multitemas, v. 24, n. 57, maio/ago. 2019.
- OLIVEIRA, Samanta Bárbara Vieira *et al.* **Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos em centro de referência.** Einstein (São Paulo), São Paulo, v. 16, n.4, 2018.
- PEREIRA, Januaria Ramos *et al.* **Riscos da automedicação: tratando o problema com conhecimento.** Universidade da Região de Joinville – SC. 2016.
- PEREIRA, Wellison Amorim *et al.* **Prevalência de automedicação em profissionais de saúde de um hospital privado de São Luís-MA.** Rev. Investig, Bioméd. São Luís, 10(2): 142-154, 2018.
- QUINTINO, Dayara Mayrink *et al.* **Avaliação da automedicação nas cidades de Ponte Nova, Teixeiras e Ervalia - Minas Gerais.** Rev Univiçosa, v. 8, n. 1, 2016.
- RODRIGUES, Antônio César. **Utilização de medicamentos isentos de prescrição e economias geradas para os sistemas de saúde: uma revisão.** Jornal brasileiro de economia em saúde; v. 9, n. 1, abr. 2017.
- SANTOS, T.S. *et al.* **Prática da automedicação entre acadêmicos do curso de enfermagem de uma instituição de ensino superior.** Scientia plena; v. 14, n. 67; jul. 2018.
- SECOLI, Silvia Regina *et al.* **Tendência da prática de automedicação entre idosos brasileiros entre 2006 e 2010: Estudo SABE.** Rev. bras. epidemiol., São Paulo, v. 21, supl. 2, e180007, 2018.

SILVA, Patricky Santos; RANGEL, Brena da Costa Campos; CASTILHO Selma Rodrigues. **Avaliação da propaganda de medicamentos isentos de prescrição em farmácias comunitárias do Município de Niterói (RJ, Brasil)**. Revista de Direito Sanitário, v. 18, n. 3, p. 77-93, 22 mar. 2018.

SOTERIO, Karine Azeredo; SANTOS, Marlise Araújo. **A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão**. Revista da graduação, v. 9, n. 2. 2016.

SOUZA, Shirley Nayara; LIMA, Cristiano Ribeiro. **Automedicação em acadêmicos de enfermagem em uma instituição de ensino superior de Maceió**. Ciências Biológicas e de Saúde Unit. Alagoas. v. 5, n. 2, p. 61-70. maio. 2019.

TOGNOLI *et al.* **Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo**. J. Health Biol Sci. V. 7, n. 4, p. 382-386. Set. 2019.

TORO-RUBIO, Moraima Del *et al.* **Automedicación y creencias en torno a su práctica en cartagena, Colombia**. Rev Cuid, Bucaramanga, v. 8, n. 1, p. 1509-1518, June 2017.

NEVES, Evelliny Assis de Oliveira; SILVA, Neiva Caroline da Silva; JÚNIOR, Carlos Eduardo Costa. **Idosos, automedicação e o risco da interação medicamentosa: uma breve discussão a partir da literatura**. Ciências Biológicas e de Saúde Unit, Recife, v. 3, n. 3, p. 71-82, jul. 2018.

## APÊNDICE A

Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino      Idade\_\_\_\_\_

1. A maioria dos medicamentos utilizados no último ano foram indicados por profissionais de saúde? ( ) Sim ( ) Não

1.1 Se a resposta da pergunta anterior for SIM, qual profissional? ( ) Médico ( ) Farmacêutico ( ) Dentista ( ) Enfermeiro ( ) Outro

1.2 Costuma praticar automedicação? ( ) Sim, mas raramente ( ) Sim, frequentemente ( ) Não

2. Você acha que a automedicação pode oferecer riscos à saúde? ( ) Sim ( ) Não

3. Quais foram os medicamentos que você administrou no último ano sem a prescrição ou indicação de um profissional da saúde habilitado?

4. Já se automedicou com mais de uma classe de medicamentos ao mesmo tempo? ( ) Sim ( ) Não

4.1 Se a resposta da pergunta anterior for SIM, responda se verificou se existiam incompatibilidades entre os medicamentos que tomou. ( ) Sim ( ) Não

5. A automedicação foi influenciada por: ( ) Familiar ou amigo ( ) Prescrições anteriores ( ) Balconistas ( ) Publicidade (TV, jornais, revistas, internet) ( ) Tinha em casa sem prescrição médica ( ) seu conhecimento sobre medicamentos por ser um estudante de saúde ( ) Outros
6. Antes de se automedicar procurou informações sobre o medicamento? ( ) Sim ( ) Não
- 6.1 Se a resposta da pergunta anterior for SIM, responda onde obteve essas informações: ( ) Bula ( ) Internet ( ) Farmacêutico ( ) Enfermeiro ( ) Parente ou amigo ( ) Outros
- 6.2 As informações obtidas foram compreendidas? ( ) Sim ( ) Não
- 6.3 As informações obtidas foram cumpridas rigorosamente? ( ) Sim ( ) Não
7. Surgiu algum problema de saúde relacionado à automedicação? ( ) Sim ( ) Não
8. Após iniciar o curso na área da saúde, você se vê mais confiante para tomar algum medicamento? ( ) Sim ( ) Não
9. Você concorda com a prática da automedicação? ( ) Sim ( ) Não
- Por que? \_\_\_\_\_
10. Qual foi o modo de aquisição do medicamento para prática da automedicação? ( ) Farmácia sem prescrição ( ) Já tinha em casa ( ) Um amigo forneceu ( ) Farmácia com prescrição antiga ( ) Outro
11. Qual motivo levou a sua prática da automedicação? ( ) Não julgar necessário ( ) Dificuldade de acesso ao médico ( ) Insatisfação ao médico ( ) Outro
12. Você obteve um resultado satisfatório com a automedicação? ( ) Sim ( ) Não

## APÊNDICE B

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaria de convidá-lo a participar de uma pesquisa cujo título é a “Prevalência da prática de automedicação em acadêmicos da área da saúde no interior de Minas Gerais” sob orientação da Professora Renata França Cassimiro Belo e desenvolvida pela discente de Farmácia Patrícia, como parte do Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade Ciências da Vida. O estudo tem por objetivo analisar a prevalência da automedicação em Acadêmicos da área da saúde em uma faculdade de Sete Lagoas - MG.

Durante sua participação você responderá a um questionário e permitirá que as pesquisadoras divulguem dos dados declarados nos questionários. Em nenhum momento sua

identidade será revelada, ou seja, os seus dados são sigilosos. Você não terá nenhum gasto, assim como não receberá nenhum ganho financeiro em troca da participação da pesquisa. Você pode recusar-se a participar e de descontinuar a participação em qualquer momento da pesquisa. Você poderá obter informações sobre o estudo entrando em contato por telefone com as pesquisadoras do projeto.

Após estes esclarecimentos, solicito o seu consentimento para participação deste estudo. Se estiver de acordo e as declarações forem satisfatórias, favor assinar o presente termo, em duas vias, dando seu consentimento para ser voluntária deste estudo. Atenciosamente,

---

Telefone para contato:

---

Telefone para contato:

Declaro ter recebido informações suficientes e estou de acordo em participar desta pesquisa.

---